



Programa  
Permanente de  
Formação de Discípulos

## CAP. 7 DA CFBL1689

# DO PACTO DE DEUS

### Introdução

Tendo passado pelo capítulo 6 da confissão<sup>1</sup> e estudado a terrível catástrofe da queda do homem, que trouxe sobre toda a sua posteridade a condenação à morte, alienação de Deus e a corrupção do seu ser, começamos neste capítulo a falar novamente de **esperança**.

Apesar do que aconteceu no Éden, ali mesmo houve uma maravilhosa promessa de que ainda haveria graça para o homem. Deus deixou isso claro quando condenou a serpente:

*“Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.” (Gênesis 3:15 RA)*

Ali mesmo, no momento da condenação, um descendente da mulher é proclamado como vitorioso em algum futuro distante. Ao longo dos séculos a esperança quanto à chegada desse descendente vai crescendo e o plano de Deus vai sendo revelado progressivamente por meio de pactos graciosos até a chegada da plenitude do tempo (Gl 4:4). Com a plenitude da revelação ficamos sabendo que havia um pacto mais excelente concebido antes da fundação do mundo e que traria, no tempo, a plena restauração de tudo o que a queda havia destruído.

É sobre isso que trataremos neste breve estudo que, apesar de superficial, procura solidificar em nós, **batistas reformados confessionais**, algumas das convicções que devemos ter a respeito da forma com que Deus age em compromisso fiel com o Seu povo.

Ao longo do estudo, utilizaremos indicativos de pontos adicionais, conforme abaixo<sup>2</sup>:



Alerta



Não esqueça



Pare e pense



Ponto de Interesse

<sup>1</sup> Para facilitar a referência à confissão utilizarei ao longo do texto a abreviação CFBL1689 – Confissão de Fé Batista de Londres de 1689.

<sup>2</sup> Idéia original da série Christian’s Pocket Guide da Christian Focus Publications

Bom estudo a todos.

*Juliano Heyse*

## Algumas Dificuldades deste Capítulo

A doutrina bíblica das alianças gera um bocado de polêmica e dúvidas e pode ser bastante difícil de compreender. Para piorar é exatamente aí que residem **divisões no próprio meio reformado**. Portanto, não podemos tratar do assunto sem fazer algumas considerações preliminares:

1. **Divergências teológicas:** A doutrina dos pactos de Deus gera um grande número de divergências entre os teólogos. Se fossem só questões com poucas implicações práticas como a proverbial dúvida medieval sobre “quantos anjos poderiam dançar na ponta de uma agulha” não teríamos com que nos preocupar. O problema é que a visão que se tem sobre essa doutrina afeta diversas áreas da fé cristã: desde a dúvida sobre quem faz parte da Igreja até por quem Cristo morreu, passando por disciplina eclesiástica, doutrina do porvir e aplicação do batismo e ceia.
2. **Doutrina difícil:** A doutrina bíblica sobre as alianças é, por si só, difícil. Quantos são os pactos? Eles tem todos a mesma importância? Quais são subsidiários? O que é a antiga e a nova aliança? O pacto com Moisés é um pacto de graça ou de obras? Como eram salvos os santos do Antigo Testamento?
3. **Termos não bíblicos:** expressões como “pacto das obras”, “pacto da redenção” (*pactum salutis*) e “pacto da graça” não são expressões bíblicas apesar da palavra aliança ou pacto (hebraico – *berith* / grego – *diatheke*) ser fundamental nas Escrituras. O fato daquelas expressões não aparecerem exatamente assim na Bíblia não deveria ser um problema já que palavras como Trindade e inerrância também não são bíblicas, sendo, entretanto, muito úteis para descrever **conceitos bíblicos**. Mas, como saber com exatidão a que textos e a que contextos essas expressões se aplicam?
4. **Grande diferença entre as confissões reformadas:** estamos acostumados a ouvir que a Confissão de Fé Batista de 1689 é muito parecida com a Confissão de Fé de Westminster (presbiteriana) e a Declaração de Savóia (congregacional). Mas não é bem assim. Elas são bastante diferentes apesar de ficar claro que nossos irmãos do século XVII tinham uma clara preocupação em manter a chamada **catolicidade reformada** – a proximidade entre os reformados com base em fundamentos comuns a todos eles, apesar de algumas divergências teológicas. Entretanto, talvez nenhum capítulo seja tão diferente como este sétimo. A começar pelo nome que em Westminster e Savóia é “Do Pacto de Deus com o homem” e na CFBL1689 é somente “Do Pacto de Deus”. Os irmãos batistas particulares que redigiram a confissão eliminaram completamente parágrafos inteiros de forma que Westminster tem 6 parágrafos e a CFBL1689 somente três. E o conteúdo muda bastante de uma para outra, apresentando várias edições, exclusões e inclusões que apontam para fortes divergências quanto ao assunto em pauta. Veremos mais sobre essas divergências na seção “Diferenças entre os reformados” no fim deste material.

Tendo em mente essas dificuldades, alerta que a abordagem aqui será necessariamente superficial. O objetivo de estudar um assunto tão especial é um só: a glória de Deus e especialmente de Jesus Cristo em Seus propósitos revelados.

Portanto, como vimos, são somente 3 parágrafos neste capítulo. Vamos a eles.

## Parágrafo 1

1. A distância entre Deus e a criatura é tão grande que, embora as criaturas racionais lhe devam obediência, por ser Ele o criador, elas jamais poderiam alcançar o Dom da vida, senão por alguma condescendência voluntária da parte de Deus.<sup>1</sup> E isto Ele se agradou em expressar por meio de um pacto com o homem.

[1]

Lc.17.10: Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer.

Jó.35.7,8: Se és justo, que lhe dás, ou que recebe ele da tua mão? A tua impiedade só pode fazer o mal ao homem como tu mesmo; e a tua justiça dar proveito ao filho do homem.

## A Importância dos Pactos

Deus não precisa de nós e Ele não tem nenhuma obrigação para conosco. Quando o homem pecou Deus poderia simplesmente ter destruído Adão e Eva. Afinal, “todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer” (Rm 3:12) e “não há temor de Deus diante dos seus olhos” (Rm 3:18). Tudo o que Deus faz é para a Sua própria glória – *Soli Deo Gloria*. Se algo ou alguém não conduz à glória de Deus, não há porque Deus conservá-lo vivo e usufruindo de toda a bondade de Deus na criação.

Entretanto, como o nosso Deus é longânimo e misericordioso, Ele manifestou “**condescendência voluntária**” e resolveu estender a mão para nós, miseráveis, forjando um pacto, uma aliança entre Deus e o homem pecador.

Conforme nos explica Martyn Lloyd-Jones, um pacto “pode ser definido como uma aliança ou um acordo que é assumido por duas partes, geralmente, mais ou menos de posição igual. [...] Um pacto (ou aliança) é geralmente confirmado por alguma espécie de cerimônia solene – faz-se um juramento, ou, talvez, faz-se um culto religioso”<sup>3</sup>.

Mas quando Deus está envolvido em um pacto, “não há dois participantes em igualdade, mas Deus está conferindo, por assim dizer, seu pacto ao homem”<sup>4</sup>. Ninguém pode impor condições e negociar com Deus. Ele determina todos os termos com base em Sua soberania.

Uma aliança não é uma boa vontade passageira, um impulso fugaz. Trata-se de um compromisso pessoal, com obrigações de ambas as partes e sanções vinculadas ao seu descumprimento. Pode ser iniciada por amor, mas é mantida por fidelidade. E Deus sempre é Fiel (2 Tm 2:13).



Portanto, seguem nossas primeiras convicções teológicas:

- Somente Deus é o doador da vida. Nenhuma criatura pode ter vida, sem que ele a conceda.

- Todas as criaturas racionais de Deus lhe devem obediência. Não há sentido em mantê-las vivas se elas não O glorificam.

- Se ainda há alguma esperança para nós, pecadores corruptos, é devido a alguma condescendência voluntária da parte de Deus, algo que poderíamos também chamar de **graça**.

<sup>3</sup> LLOYD-JONES, David Martyn. **Deus o Pai, Deus o Filho**. São Paulo: PES, 1997, p. 288.

<sup>4</sup> Ibid, p. 289.

- Deus é justo, santo, racional, infinitamente sábio, verdadeiro e fiel. Por causa de quem Ele é, Ele estabelece a Sua graça selada em um pacto, uma aliança, um compromisso inviolável.

## Parágrafo 2

2. Tendo o homem trazido sobre si mesmo a maldição da lei, por causa de sua queda no pecado, o Senhor teve por bem estabelecer o pacto da graça.<sup>2</sup> Neste pacto Deus oferece gratuitamente, a pecadores, vida e salvação por Jesus Cristo, requerendo-lhes fé nEle para que sejam salvos,<sup>3</sup> e prometendo dar o Espírito Santo a todos os que estão destinados para a vida eterna, para lhes dar a vontade e a capacidade para crerem.<sup>4</sup>

[2]

Gn.2.17: ... mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.

Gl.3.10: Todos quantos, pois, são das obras da lei, estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as cousas escritas do livro da lei, para pratica-las.

Rm.3.20,21: ... visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado. Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus, testemunhada pela lei e pelos profetas, ...

[3]

Rm.8.3: Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado, ...

Mc.16.15,16: E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado.

Jo.3.16: Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

[4]

Ez.36.26,27: Dar-vos-ei coração novo, e porei dentro em vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro em vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis.

Jo.6.44,45: Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia. Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto, todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, este vem a mim.

Sl.110.3: Apresentar-se-á voluntariamente o teu povo no dia do teu poder: com santos ornamentos, como o orvalho emergindo da aurora, serão os teus jovens.

## O Pacto da Graça

O pacto da graça é necessário porque o homem trouxe sobre si mesmo a maldição da lei quando caiu no Éden. Portanto, pela lei, pelo cumprimento de mandamentos, é impossível ao homem alcançar justiça já que ele foi corrompido pela queda. Não havia mais nenhuma esperança de que um novo pacto que dependesse do desempenho do homem pudesse ser feito. Somente uma intervenção divina poderia trazer esperança.



Como pode Adão ter “trazido sobre si mesmo a maldição da lei” se a lei só foi entregue a Moisés no Monte Sinai em algo em torno do ano 1400 a.C.? O capítulo 19 da confissão, parágrafo 1, pode ajudar a esclarecer.

O que é o pacto da graça? Lloyd-Jones coloca assim:

*“O pacto da graça é aquele arranjo entre o Deus Triuno e Seu povo, por meio do qual Deus executa Seu eterno propósito e decreto de redenção, ao prometer Sua amizade. A promessa consiste na salvação plena e gratuita a Seu povo com base na expiação vicária do Senhor Jesus Cristo, que é o Mediador do pacto, e Seu povo aceita essa salvação pela fé. É a promessa da amizade de Deus, de ser Ele o nosso Deus, de entrar em íntima relação com Ele e de conhecê-IO, e tudo se torna possível por meio de Jesus Cristo”<sup>5</sup>.*

É muito importante entendermos que o pacto da graça é oferecido “gratuitamente a pecadores” como diz a confissão. Como saber se o recebemos ou não? Mediante a fé. Todo aquele que crer será incluído no pacto e será salvo exclusivamente pelos méritos de Cristo que são aplicados a ele. Nosso vínculo com o Cabeça desse pacto é a fé.

Mas vejam como a única exigência, a fé, é, também ela, concedida pelo próprio Deus. Observe como a confissão é construída:

*“[...] requerendo-lhes fé nEle para que sejam salvos, e prometendo dar o Espírito Santo a todos os que estão destinados para a vida eterna, para lhes dar a vontade e a capacidade para crerem. ”*

Ou seja, o pacto é inteiramente incondicional porque aquilo que aparentemente poderia ser considerado por alguns como uma exigência – a fé – é concedido pelo próprio Deus por meio do Espírito Santo. Como disse Martyn Lloyd-Jones, “a redenção é inteiramente de Deus. O que temos na Bíblia é o registro da atividade de Deus na redenção do homem”<sup>6</sup>. Por isso falamos em **monergismo** (do grego *mono* que significa "um" e *erg* que significa "trabalho") na salvação do homem. A salvação é conquistada e aplicada inteiramente por Deus. O que ele exige no pacto da graça, ele mesmo concede. Como disse Agostinho no século IV: “Concede-me o que me ordenas, e ordena o que quiseres”<sup>7</sup>.



Portanto, fechamos com algumas convicções teológicas extraídas do parágrafo 2:

- Com a queda, o homem não teria mais condições de cumprir sua parte em qualquer pacto de obras.
- Somente o pacto da graça pode salvar os seres humanos caídos.
- No pacto da graça a salvação e a vida são concedidas gratuitamente a pecadores.
- A única condição imposta para a salvação dentro do pacto da graça, a fé, é também concedida gratuitamente por Deus.
- É o Espírito Santo que concede a vontade e a capacidade de crer para todos os eleitos de Deus.

<sup>5</sup> Ibid, p. 292.

<sup>6</sup> Ibid, p. 276.

<sup>7</sup> Citado em FERREIRA, Franklin. **Agostinho de A a Z**. São Paulo: Vida, 2007, p. 196.

## Parágrafo 3

**3.** Este pacto está revelado no evangelho: primeiramente na promessa feita a Adão, de salvação pelo descendente da mulher;<sup>5</sup> depois, por etapas sucessivas, até que sua plena revelação foi manifestada no Novo Testamento.<sup>6</sup>

O pacto está fundamentado na eterna aliança que havia entre o Pai e o Filho para a redenção dos eleitos;<sup>7</sup> é somente pela graça deste pacto que os descendentes de Adão que são salvos obtêm vida e uma bendita imortalidade, pois o homem é agora totalmente incapaz de ser aceito diante de Deus nos mesmos termos em que Adão vivia, em seu estado de inocência.<sup>8</sup>

[5]

Gn.3.15: Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.

[6]

Hb.1.1: Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, ...

[7]

2 Tm.1.9: ... que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos, ...

Tt.1.2: Na esperança da vida eterna que o Deus que não pode mentir prometeu, antes dos tempos eternos, ...

[8]

Hb.11.6,13: De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam. (...) Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas, vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra.

Rm.4.1,2: Que, pois, diremos ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne? Porque se Abraão foi justificado por obras, tem de que se gloriar; porém não diante de Deus.

At.4.12: E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não há nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos.

Jo.8.56: Vosso pai Abraão alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se.

## Revelação Progressiva do Pacto

O pacto da graça tem Jesus Cristo como seu cabeça. Ele é o descendente da mulher que esmaga a cabeça da serpente. Portanto, o pacto não estava selado e completado antes da morte e ressurreição de Cristo. Entretanto, ele já vinha sendo prometido desde a queda e Deus foi revelando seu propósito progressivamente, por meio de alianças da promessa (Ef 2:12). Essas alianças não eram capazes de salvar e muitas impunham condições que o homem era incapaz de cumprir, mas todas apontavam para Cristo e a necessidade de um pacto melhor, de uma “superior aliança” (Hb 7:22; 8:6), uma que de fato cumprisse o propósito de Deus de redimir um povo para si. A plena revelação do pacto da graça é o que nós chamamos de Evangelho.



Os pactos antigos, de sombras do que havia de vir, são diversos e os teólogos divergem sobre quantos pactos de fato ocorreram, mas todos concordam em que pelo menos Noé, Abraão, Moisés e Davi são cabeças de pactos da promessa. Didaticamente poderíamos dizer que o pacto com Noé é um pacto genérico, de benevolência para com o mundo (não só os homens, mas toda a criação caída); o pacto com Abraão é um pacto de amizade e proximidade com Deus, de criação de um povo exclusivo para Deus; Moisés é a consumação das promessas feitas à Abraão quanto aos seus

descendentes; e Davi seria a consumação final da antiga aliança, já apontando para a vinda de um descendente de Davi que teria um reino eterno.

Há outros pactos? Tudo depende de como se categoriza os diversos pactos. Pode-se dizer que há pactos com Isaque, Jacó, Levi, Arão, Finéias, Salomão, etc. Mas é fácil perceber que esses pactos podem ser incluídos em outros como confirmações e pequenas expansões e clarificações de pactos anteriores. Podemos colocar Isaque e Jacó em Abraão, Levi, Arão e Finéias em Moisés (Pacto do Sinai) e Salomão em Davi. São maneiras distintas de organizar, que não afetam a doutrina geral. Todos esses pactos, de uma forma ou de outra apontam para Cristo e estão registrados no Velho Testamento, ou antiga dispensação. Nós vivemos na nova dispensação em que o pacto da graça, a nova aliança, foi firmado em Cristo Jesus, por meio do seu sangue derramado na cruz. “Semelhantermente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este é o cálice da **nova aliança no meu sangue** derramado em favor de vós.” (Lucas 22:20 RA)



É importante que compreendamos que só há salvação em Cristo. Alguns sistemas de doutrina insinuam a possibilidade de que santos do Velho Testamento tenham sido salvos de outra forma, como pela observância da lei, por exemplo. Há até alguns que defendem que a dispensação da graça terá um fim e que haverá uma nova dispensação da lei pela qual as pessoas poderão ser salvas. Sobre isso, Lloyd-Jones protesta: “Ora, não hesito em afirmar que tal concepção é completamente errônea e uma contradição da Bíblia. Não há nenhuma menção de qualquer salvação que seja, em qualquer parte da Bíblia, exceto em e através do Senhor Jesus Cristo. Só há um evangelho; só há um único meio de salvação. Os santos do Velho Testamento são salvos em Cristo assim como vocês e eu o somos, e todos quantos ainda viverão serão salvos em Cristo, ou jamais o serão”<sup>8</sup>.

A salvação em Cristo foi planejada antes da fundação do mundo. Qualquer sistema que ignora isso é bastante perigoso e coloca em xeque algumas das mais importantes doutrinas do cristianismo bíblico.

O pacto da graça, o Evangelho, é a expressão da graça divina para a Sua própria glória como veremos a seguir.

### *O Pactum Salutis*

A confissão afirma que o pacto da graça está fundamentado no pacto realizado entre o Pai e o Filho para a redenção dos eleitos. Apesar da Bíblia não ser explícita quanto à realização desse pacto, aqui chamado de “aliança eterna”, há evidências que apontam a existência desse pacto já que a Bíblia fala da salvação como algo assegurado antes da própria fundação do mundo. Textos como 2 Tm 1:9 e toda a explanação do apóstolo no início da carta aos Efésios apontam nessa direção:

*“4 assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor 5 nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade,” (Efésios 1:4-5 RA)*

Justamente pelo fato da doutrina não estar absolutamente clara na Bíblia e ser muito difícil para nós, seres humanos, entendermos questões que envolvem a Trindade Santa e a eternidade, há muita divergência entre os teólogos reformados quanto a como seria efetivamente esse pacto da redenção. Alguns dizem que é só entre o

---

<sup>8</sup> LLOYD-JONES, David Martyn. **Deus o Pai, Deus o Filho**. São Paulo: PES, 1997, p. 286.

Pai e o Filho (como aqui na confissão), outros que seria entre as três pessoas da Trindade, outros ainda que seria entre Deus e Cristo como cabeça do pacto da graça. Isso é bastante especulativo e não deveria nos preocupar. O que importa é que, como disse o Dr. Lloyd-Jones, “antes mesmo que o homem fosse criado, este plano da redenção estava nitidamente esboçado na mente de Deus”<sup>9</sup>. Quanto a isso a Bíblia é explícita, como vimos acima.

Outra coisa clara e evidente nas Escrituras é a participação das três Pessoas da Trindade na nossa salvação. Como disse Lloyd-Jones, isso é “algo que deveríamos abordar com reverência, louvor e adoração, ou seja, as três pessoas da bem-aventurada Trindade tomaram parte neste plano e propósito da redenção. Não pode haver dúvida alguma de que as Escrituras ensinam que antes da fundação do mundo houve um conselho em referência ao homem entre as três pessoas da Trindade – o Pai o Filho e o Espírito Santo. E ali nesse eterno conselho tudo indica com bastante clareza que distribuíram a obra da redenção de modo que podemos descrever o Pai como originador, o Filho como executor e o Espírito Santo como Aquele que aplica o que o Filho realizou”<sup>10</sup>. Se para os teólogos esse “conselho” pode ser caracterizado como um pacto ou não é de importância secundária.

Lloyd-Jones vê que o pacto em si foi feito entre o Pai e o Filho como dito aqui na confissão: “Mas é igualmente evidente que um acordo pormenorizado, sim, um pacto, foi feito entre Deus o eterno Pai e Deus o eterno Filho”<sup>11</sup>. Mas há quem pense diferentemente e precisamos respeitar.

Nesse pacto o Pai dá todas as coisas ao Filho e o Filho é “herdeiro de todas as coisas” (Hb 1:2). O Pai faria do Filho o Cabeça representante de uma **nova humanidade** e o Filho cumpriria o pacto de obras que fora antes quebrado por Adão. Nenhum dos filhos de Adão estava apto para ser esse Cabeça e, portanto, o Pai deu seu próprio Filho para que fosse o representante federal (contratual, factual) de toda essa nova humanidade, que é composta de todos os eleitos. Vemos aí a forte associação entre o pacto da redenção e o pacto da graça, conforme afirma a confissão. A vitória do segundo Adão, Cristo, vencendo a morte e todos os inimigos de Deus desfaz todos os efeitos da queda, do pecado e da corrupção para aqueles que estão “em Cristo”.



Fechamos esta seção com algumas convicções teológicas extraídas do parágrafo 3:

- O pacto da graça foi anunciado ainda no Éden e revelado em etapas sucessivas até chegar à sua plenitude no Novo Testamento, por meio do Evangelho.
- O pacto da graça está fundamentado em uma aliança eterna entre o Pai e o Filho e um conselho entre as pessoas da bendita Trindade Santa.
- Somente o pacto da graça pode salvar os descendentes de Adão. Não há nenhum outro caminho.
- É impossível ao homem encontrar salvação fora do pacto da graça que tem Jesus Cristo como cabeça.

## Diferenças entre os reformados

Esta seção é um pouco mais avançada, porém importante para que entendamos que crer na teologia do pacto, conforme ensinada nas Escrituras é fundamental na teologia batista reformada e nada tem a ver, necessariamente, com batismo de bebês. Essa é uma inferência comum feita pelos nossos irmãos presbiterianos, que dizem ser impossível que batistas sejam também reformados. Alguns insistem que só é possível usar a

<sup>9</sup> Ibid, p. 279.

<sup>10</sup> Ibid, p. 280.

<sup>11</sup> Ibid, p. 280.

expressão batistas calvinistas, mas jamais batistas reformados. Há problemas de compreensão histórica nesse tipo de pensamento. Precisamos entender por que somos batistas reformados e o que isso significa. Pela brevidade da abordagem feita aqui correremos o risco de sermos um tanto superficiais e simplistas<sup>12</sup>. Trata-se apenas de uma introdução.

Os batistas reformados (surgidos no século XVII e naquele tempo conhecidos como batistas particulares) desde o início divergiram dos **pedobatistas** na sua visão concernente ao pacto da graça. Pedobatistas são aquelas igrejas que batizam bebês<sup>13</sup>. Entre os puritanos da Inglaterra do século XVII eram representados principalmente pelos presbiterianos e os congregacionais.

Os batistas concordavam com todos os reformados que o pacto da graça é o único pacto que salva e que o pacto da graça salvou os crentes do Antigo Testamento tanto quanto os do Novo Testamento. A CFBL1689 mais à frente no capítulo 11, no parágrafo 6, afirma que “a justificação dos crentes, no Antigo Testamento, em todos estes aspectos, foi igual à justificação dos crentes no Novo Testamento”.

Mas os pedobatistas sempre defenderam que o que vemos na Bíblia é o **mesmo pacto sob duas administrações**. Ele foi administrado de uma forma no Antigo Testamento e é administrado de outra no Novo Testamento. Mas é o mesmo pacto, o pacto da graça. Os batistas reformados rejeitaram a ideia de duas administrações do mesmo pacto. Para eles trata-se de um único pacto revelado progressivamente e concluído formalmente na nova aliança. Para os batistas a nova aliança, e somente a nova aliança, corresponde ao pacto da graça. Muito do entendimento deles, homens como Benjamin Keach e Nehemiah Cox, segue a abordagem do grande teólogo puritano John Owen, em seu comentário no livro de Hebreus.

Para os batistas, as alianças firmadas na antiga dispensação (Velho Testamento) eram “**alianças da promessa**” – tipológicas, figurativas, sombras do que havia de vir.

*“naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo.” (Efésios 2:12 RA)*

As alianças da promessa são promessas de esperança – elas apontam para algo que há de vir. Aqueles que aguardam são herdeiros das promessas. A plenitude do pacto da graça só se encontra na Nova Aliança em Cristo Jesus. O pacto da graça revelado a Adão e então a Abraão e assim sucessivamente era a nova aliança prometida. É por isso que o Senhor Jesus diz:

*“Abraão, vosso pai, alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se.” (João 8:56 RA)*

Portanto, para os batistas que escreveram a Confissão:

- Velho Testamento – pacto revelado progressivamente – de Gn 3:15 até a vinda de Cristo;
- Novo Testamento – pacto concluído (“plenamente revelado” como diz a Confissão) – morte e ressurreição de Cristo.

Ou seja, para os batistas, o pacto com Abraão **revela** o pacto da graça, mas **não é** o pacto da graça. Já para os pedobatistas o pacto com Abraão é uma administração diferente do mesmo pacto da graça administrado no Novo

---

<sup>12</sup> Para um aprofundamento do assunto recomendamos a excepcional obra de Pascal Denault: The Distinctiveness of Baptist Covenantal Theology. Essa obra faz um trabalho de intensa pesquisa nos escritos dos primeiros batistas particulares e seus debates com os presbiterianos e congregacionalistas.

<sup>13</sup> Prefiro não usar o termo batismo infantil já que nós batizamos, sim, crianças, desde que façam uma profissão de fé convincente.

Testamento. Essa diferença de entendimento, que pode parecer só um detalhe, tem profundas implicações na interpretação bíblica e na relação de continuidade e descontinuidade entre o Velho Testamento e o Novo Testamento.

Benjamin Keach<sup>14</sup> descreve assim a progressão do Pacto da Graça:

1. Decretado na eternidade;
2. Revelado ao homem depois da queda de Adão e Eva;
3. Executado e confirmado por Cristo na Sua morte e ressurreição;
4. Torna-se efetivo aos seus membros quando eles são unidos a Cristo pela fé.<sup>15</sup>

Os que foram salvos antes de Cristo foram salvos por causa de um juramento, uma promessa; os que foram salvos depois de Cristo foram salvos por causa de um pacto. A aliança com Abraão é tratada comumente como uma aliança de promessa. Veja um exemplo no texto de Gálatas abaixo:

*“17 E digo isto: uma aliança já anteriormente confirmada por Deus, a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não a pode ab-rogar, de forma que venha a desfazer a promessa. 18 Porque, se a herança provém de lei, já não decorre de promessa; mas foi pela promessa que Deus a concedeu gratuitamente a Abraão.” (Gálatas 3:17-18 RA)*

Romanos 3:25-26 fala da necessidade de Deus se justificar devido à tolerância de pecados perdoados e pecadores justificados antes do pacto da graça. Essa aparente impunidade dos pecados das pessoas que eram justificadas por Deus antes da vinda de Cristo, ocorre justamente porque o pacto da graça ainda não estava concluído. O tempo da tolerância de Deus é justamente o que vai da queda de Adão até a morte de Jesus. Ele vinha justificando os ímpios desde a queda de Adão e Eva e em Cristo ele finalmente manifesta a Sua justiça em ter feito isso.

Para os teólogos batistas, **a antiga aliança não concedia salvação, mas salvação era concedida na antiga aliança**. Era a nova aliança que produzia os efeitos salvíficos sobre os crentes da antiga dispensação. Apesar de haver graça nos antigos pactos, eles não são o pacto da graça porque a circuncisão não pode produzir regeneração (Gl 6:15) e o sangue de touros e bodes não pode expiar pecados (Hb 10:4).

O pacto com Abraão, o pacto do Sinai e o pacto davídico não eram o pacto da graça, nem administrações do pacto da graça; entretanto o pacto da graça foi sendo revelado por meio desses diversos pactos.

As diferenças de visão trazem implicações. Havia bastante acordo entre os reformados. Todos criam que o pacto da graça começou a atuar logo após a queda e que sempre houve um único povo de Deus, uma única Igreja, existente desde a queda. Mas um dos principais problemas que os batistas que escreveram a CFBL1689 viam na teologia pactual dos pedobatistas era a inclusão de pessoas não regeneradas no pacto da graça. Além de incluir as pessoas que professavam a fé, como todos sempre fizeram, os pedobatistas defendiam a inclusão também dos filhos destes, ainda recém-nascidos. Para eles, o batismo simbolizaria a inclusão no pacto da graça, independentemente de fé e arrependimento. Surpreendentemente nem mesmo a eleição é necessária já que eles não têm como afirmar que cada bebê batizado professará a fé algum dia. Ou seja, para os pedobatistas havia duas

---

<sup>14</sup> Benjamin Keach (1640-1704) foi pastor durante 36 anos da mesma igreja que séculos depois seria a pastoreada pelo grande Charles Haddon Spurgeon. Ele foi um dos principais teólogos na confecção da CFBL1689. Ele é também conhecido por ter sido o pastor que introduziu o canto de hinos nas igrejas batistas.

<sup>15</sup> DENAULT, Pascal. *The Distinctiveness of Baptist Covenant Theology: A Comparison Between Seventeenth-Century Particular Baptist and Paedobaptist Federalism*. Birmingham: Solid Ground Christian Books, 2013.

formas de entrar no pacto da graça: pelo nascimento (carnal) e pelo novo nascimento (espiritual). A primeira forma aplicava-se aos filhos dos crentes e a segunda aos demais. Veja um comparativo interessante abaixo e percebe as implicações de tudo isso.

Batistas	Pedobatistas
Batismo e eclesiologia de crentes apenas	Batismo e eclesiologia de crentes e seus filhos
Salvação está necessariamente ligada a estar no pacto da graça	Salvação não este intrinsecamente ligada ao pacto da graça

Por isso esse capítulo 7 da Confissão é tão polêmico e ficou tão diferente na CFBL1689 em relação a Westminster e Savóia. Para os batistas reformados a Igreja visível é constituída somente por aqueles com uma **profissão de fé convincente**. Somos filhos de Abraão espiritualmente e não carnalmente (o que deveria ser óbvio para nós, gentios).

Para a eclesiologia pedobatista a igreja é **necessariamente** um grupo misto, constituído dos crentes e seus filhos. Os batistas **almejam** uma membresia regenerada e esperam que seus filhos professem a fé para só então serem batizados e recebidos como membros. É claro que pode haver sempre falsas profissões de fé, mas ninguém é incluído na membresia sem que professe a fé.

Tudo isso tem grandes implicações quanto ao batismo, deixa dúvidas sobre por quem Cristo morreu e dificulta um entendimento claro de quem realmente deveria compor a igreja visível. Afeta também a disciplina eclesiástica e a ceia do Senhor. A discussão é muito antiga e provavelmente não vai ser resolvida até a segunda vinda. Não é em um estudo simples e introdutório como este que vamos tratar de todas as implicações de uma outra tradição. O importante é que saibamos quais são os nossos diferenciais e porque os temos, sem que esqueçamos que há irmãos que pensam diferentemente de nós.

Também é importante que entendamos que nós batistas reformados não argumentamos como os demais batistas quando falamos contra o batismo de bebês. Nossos fundamentos são bíblicos e teológicos e não apenas baseados em “textos de prova” ou em argumentos baseados no silêncio.



Para os irmãos que tiverem interesse em ver como é fácil rebater argumentos cujo conteúdo não esteja baseado na teologia bíblica (teologia que procede das Escrituras), recomendo que assistam à pregação do Pr. Augustus Nicodemos defendendo o batismo de bebês por entender que o batismo equivale à circuncisão. Assistam em [https://www.youtube.com/watch?v=F7KkVZp\\_LCo&t=33s](https://www.youtube.com/watch?v=F7KkVZp_LCo&t=33s) (26m52s). Vejam como todo o argumento dele se baseia na teologia do pacto conforme a interpretação presbiteriana. Notem como essa tradição exige uma forte continuidade entre o Velho e o Novo Testamentos. Observem também como ele refuta os argumentos dos batistas em geral com relativa facilidade (ainda que os melhores argumentos destes tenham ficado de fora). O que aconteceria se ele tivesse que enfrentar os argumentos dos batistas particulares do século XVII que escreveram a CFBL1689? Por que há necessidade de uma profissão de fé posterior, se o indivíduo já foi batizado? Notem que o Dr. Augustus é uma bênção para a igreja do Senhor no Brasil e podemos discordar dele sem que isso produza qualquer tipo de afastamento ou indiferença de nossa parte. Pelo contrário, posições divergentes de outros irmãos deveriam nos estimular a conhecer melhor as Escrituras, saber porque cremos diferentemente e valorizar a grande quantidade de pontos que temos em comum na tradição reformada.

## Conclusão

A doutrina dos pactos é bastante complexa e, como vimos, produziu ao longo da história interpretações divergentes dentro do próprio meio reformado. Aqui sequer abordamos outras visões como as do dispensacionalismo e da chamada “teologia da nova aliança”. Essas outras visões também têm inúmeras nuances e subdivisões. Mas **o mais importante é compreendermos que Adão e Eva caíram no jardim e, em vez de morte, encontraram a graça divina.** Esse é o nosso Deus! Ele é bom, a sua misericórdia dura para sempre. Como disse o Dr. Lloyd-Jones:

*“Não existe nada comparável à graça de Deus, à maneira como ele olha para nós e para o mundo, a despeito do que temos feito, e nos oferece essas promessas. Não temos nenhum direito ao amor de Deus. Nós o perdemos. A salvação é totalmente pela graça”<sup>16</sup>.*

Como ele diz também, em outro lugar, devemos nos desvencilhar da tentação satânica que “tenta fazer-nos crer que Deus está contra nós”<sup>17</sup>. Ora, toda a história da redenção é a história de Deus indo resgatar o homem e não do homem buscando a Deus. O pacto da graça, em Cristo Jesus, revelado progressivamente na história de Israel, é o bendito fundamento da nossa salvação que, graças a Deus, não depende de nós. O próximo capítulo da confissão é simplesmente maravilhoso: “Cristo, o Mediador”.

*Sola Scriptura*

*Solus Christus*

*Sola Gratia*

*Sola Fide*

*Soli Deo Gloria*

## Bibliografia

DENAULT, Pascal. **The Distinctiveness of Baptist Covenant Theology: A Comparison Between Seventeenth-Century Particular Baptist and Paedobaptist Federalism.** Birmingham: Solid Ground Christian Books, 2013.

FERREIRA, Franklin. **Agostinho de A a Z.** São Paulo: Vida, 2007

LLOYD-JONES, David Martyn. **Deus o Pai, Deus o Filho.** São Paulo: PES, 1997

**TEO009 - Confissão de Fé Batista de 1689 (com versículos transcritos).** Guias IBRVN. [http://online.ibrvn.com/media/guias/TEO\\_009%20-%20Confissao%20de%20Fe%20Batista%20de%201689%20%28com%20versiculos%20transcritos%29%20-%20v001.pdf](http://online.ibrvn.com/media/guias/TEO_009%20-%20Confissao%20de%20Fe%20Batista%20de%201689%20%28com%20versiculos%20transcritos%29%20-%20v001.pdf). Acessado em 16/05/2017.

VAN DORN, Douglas. **Covenant Theology: A Reformed Baptist Primer.** Erie: Water of Creation Publishing, 2014.

<sup>16</sup> LLOYD-JONES, David Martyn. Deus o Pai, Deus o Filho. São Paulo: PES, 1997. p. 279

<sup>17</sup> Ibid p. 278